

Seguindo as coisas: estandartes de Folia de Reis em Campestre (MG)

Mariana de Carvalho Ilheo*, Ronaldo R. M. de Almeida

Resumo

No sul de Minas Gerais, a prática religiosa se constitui e é constituída por diversos rituais de devoção que, por sua vez, mobilizam coisas e pessoas diversas. Esta investigação etnográfica toma enquanto categoria analítica as Bandeiras ou Estandartes da Folia de Reis na tentativa de compreender o modo como a religião se torna material. O objetivo é apontar possibilidades de enquadramentos e significados diante dos contextos em que circulam, visando elucidar suas funções rituais, modos de uso e de feitura, bem como as relações estabelecidas a partir de tais coisas.

Palavras-chave:

Folia de Reis, Religião Material, Etnografia.

Introdução

As *bandeiras* ou *estandartes* fazem os caminhos por onde passa cada grupo de Folia de Reis durante o *giro* ou *jornada*: foliões, artefatos e devotos, deslocam-se pelas zonas rural e urbana em oração e cantoria; é estabelecido um sistema de prestações e trocas sistemáticas, promovendo a circulação de dádivas simbólicas e materiais (MAUSS, 2015). O primeiro objetivo, destarte, é pensar na ocorrência das coisas a partir de suas trajetórias, apontando para sua agência e efeitos, reconhecendo sua importância enquanto objeto antropológico. A expressão do ritual na vida cotidiana das gentes é amplamente reconhecida e, no ano de 2017, foi registrada como patrimônio cultural pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG). O inventário aponta para “personagens” que variam, em função da localidade e do alvo da prece, entre instrumentos e vozes; palhaços ou bastiões; capitão ou mestre. Ainda que não tenha sido contemplado pelo levantamento oficial, tem-se a presença efetiva da Folia de Reis em Campestre (MG). Com isto, pretende-se dar visibilidade às Foliás campestrenses e incluí-las no circuito oficial.

Resultados e Discussão

Até o momento foram indicadas quatro companhias ativas no município, sendo (a) o grupo remanescente do mestre-benzedor João Pradinho; (b) Folia de Reis Lago e Melo; (c) Folia do Laércio e (d) Folia do bairro Pereira. Um levantamento prévio (ILHEO, 2017 b) foi realizado a partir da rede de interlocutores para o ritual de benzimento (ILHEO, 2017 a), indicando a justaposição entre ambos os rituais no âmbito da experiência religiosa.

Figura 1. Bandeira do mestre João Pradinho, s/d (ILHEO, 2017 b, p. 747)



Através da literatura (BRANDÃO, 1981; BITTER, 2008), nota-se que a religião se expressa de maneiras diversas, pelos corpos, ritmos, vozes e danças, preces e/ou coisas. Ao seguir as bandeiras, considerando os meios materiais (INGOLD, 2012) e a materialidade (MEYER;

HOUTMAN, 2012) no ritual, foi possível contemplar elementos da vida cotidiana costurados em um ato de fé. As bandeiras representam o grupo, ao mesmo tempo em que tornam visíveis elementos devocionais: em um suporte de tecido variado são fixadas – com cola ou costura – imagens que retomam a narrativa bíblica da visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus; a ilustração pode ser fotografia, impressão em papel ou pintura com tintas, e a ornamentação da peça se dá com fitas de cetim e flores coloridas. Sua circulação prescreve as etapas rituais, mediando a interação entre devotos e foliões, entre o plano sagrado e “profano”. São feitas *ofertas* às bandeiras, sendo uma parte direcionada para as despesas da companhia e o restante revertido em caridade. Determinam também funções rituais: o mestre é o conhecedor por excelência do *fundamento* e, portanto, autorizado a fabricar e zelar do artefato. Têm-se uma correspondência entre estes atores, já que, assim como o mestre faz a bandeira, a bandeira faz o mestre. Por isso, servem como veículo para o fluxo de cura e bênção durante o processo ritual.

Conclusões

As bandeiras são menos representações da narrativa mítica que sua materialização através de um suporte físico. Sua ocorrência articula o panteão religioso do catolicismo popular, assim como os membros do grupo já falecidos e seus feitos. Operam na mediação de aspectos rituais e culturais, tal como seus efeitos sobre o ritual, as gentes e outros símbolos materiais.

Agradecimentos

Ao Centro Nacional de Desenvolvimento Técnico e Científico (CNPq) pelo incentivo à pesquisa.

¹ BITTER, D. *A Bandeira e a Máscara: a circulação de objetos rituais nas Foliás de Reis*. Rio de Janeiro: 7 Letras; IPHAN/ CNFCP, 2008.

² BRANDÃO, C. R. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

³ FOLIA DE REIS LAGO E MELO, Campestre (MG), 2015, 2016 e 2017 (Vídeos disponíveis em: <https://bit.ly/2L7WGCv>. Acesso: junho/2018).

⁴ ILHEO, M. *Tradição e prática*. Mono. Ciênc. Soc. Campinas: IFCH/Unicamp, 2017 a.

⁵ _____. “Seguindo as coisas: est. de F. de Reis em Campestre (MG)”. In: 1º Enc. Nac. Cen. de Est. em Hist. Cult. das Rel. Campinas - SP. *Histórias, narrativas e religiões*. Curitiba - PR: Ed. Prismas, p. 726-747, 2017 b.

⁶ INGOLD, T. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

⁷ MAUSS, M. “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, p. 181-312, 2015.

⁸ MEYER, B.; HOUTMAN, D. *Things: Religion and the question of materiality*. New York: Fordham University Press, 2012.